

A LÍNGUA FRANCESA DE SINAIS

A **língua francesa de sinais** (em francês *langue des signes française* ou LSF) é a língua de sinais das pessoas surdas da França. Segundo a revista *Ethnologue*, ela tem entre 50.000 a 100.000 usuários. A língua francesa de sinais está relacionada (e é parcialmente mais antiga) à língua de sinais neerlandesa (NGT), a língua de sinais alemã (DGS), língua de sinais flamenga (VGT), língua de sinais belga-francófona (LSFB), língua de sinais irlandesa (ISL), língua de sinais americana (ASL), língua de sinais do Quebec (LSQ) e a Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS).

Um dos nomes mais significativos foi o abade francês Charles Michel de l'Épée. Ele aprendeu a comunicar-se com os surdos que moravam nas ruas de Paris, elaborou uma série de sinais para comunicar-se com os surdos, e fundou uma escola que ficou conhecida como Instituto de Surdos de Paris. Ele acreditava na importância da educação de surdos para poder ensinar o cristianismo a eles.

No final do século XIX, os métodos de educação dos surdos que se utilizavam dos sinais foram desacreditados, e a língua de sinais começou a ser vista de maneira pejorativa. Somente na segunda metade do século XX é que os métodos educacionais começaram a valorizar a importância da língua de sinais.

O Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris (1760 a 1890)

Até o século XVIII, ensinar os surdos a falar, ler e escrever parecia unanimemente complexo: são poucas as experiências de educar surdos anteriores ao final do período medieval que tiveram seus registros encontrados. Com efeito, os consagrados “pioneiros” na instrução de surdos eram, sobretudo, preceptores de crianças de famílias ricas das principais sociedades europeias, que realizavam um ensino individualizado, baseado na educação pela palavra. Desse modo, o suposto encontro fortuito do abade Charles-Michel de l'Épée com duas gêmeas surdas teria sido o responsável por uma inversão na abordagem realizada por estes preceptores até aquele momento.

O Instituto Nacional de Surdos Mudos de Paris tem seu embrião em 1760, a partir do trabalho iniciado pelo abade Charles-Michel de L'Épée, na sociedade parisiense da segunda metade do século XVIII. As informações sobre o abade são raras e, em sua maioria, controversas. Sabe-se que ele nasceu na cidade de Versalhes no ano de 1712. Seu pai, Charles François L'epée era arquiteto do rei e sua mãe, Marguerite Varignon, era filha de um grande empreiteiro, ligado oficialmente à construção dos edifícios do rei Luís XIV. Nesse sentido, seu lugar social fica evidenciado: um dos filhos de uma família burguesa tradicional do século XVIII, estudou teologia e direito e decidiu seguir o caminho religioso (BÉZAGU-DELUY, 1990). L'Épée tinha, na data de criação de sua escola, 50 anos, uma carreira eclesiástica modesta e bastante conturbada, além de uma fortuna pessoal considerável. Com efeito, o abade era uma figura de destaque na sociedade parisiense da época, um homem ilustrado.

Assim, em 1771, com seus próprios meios, fundou a Instituição Nacional de Surdos-Mudos de Paris, na sua própria casa, localizada na rua des Moulins, recebendo as crianças pobres em regime de internato (BERNARD, 2014). A chave matriz para o sucesso e o reconhecimento internacional do trabalho desenvolvido por L'Épée com os surdos está nos chamados por ele exercícios públicos dos surdos e mudos. Tratava-se de demonstrações que ele organizava com seus melhores alunos, visando impressionar possíveis espectadores afortunados que pudessem se interessar em financiar a educação dessas crianças e promover a publicidade do abade e o reconhecimento de seu método de ensino. Para isto, ele mesmo convidava muitos espectadores célebres, fossem franceses ou estrangeiros, notadamente duques, embaixadores, eclesiásticos, entre outros, que enchiam a sala de lições durante as duas horas de demonstração (L'ÉPÉE, 1776). Estes exercícios teriam assumido um papel central no desenvolvimento da educação de surdos pelo mundo, que passaria a se desenvolver rapidamente a partir dali. Isso porque

representantes de diversas nações passaram, a partir das aulas de L'Épée, a entrar em contato com essa nova possibilidade para instruir as crianças surdas.

Ademais, teria sido justamente com essa divulgação de seu trabalho na corte francesa que ele teria conseguido um espaço no Convento dos Celestinos, juntamente com uma pensão real, para criar sua própria escola de surdos. Quando ele morreu, em 1789, vários de seus alunos já se distinguiam na sociedade parisiense. Com efeito, a Assembleia Constituinte reconheceu, em 1791, a importância de sua obra, elevando a escola à categoria de Instituto Nacional, o que a tornaria a primeira escola oficial para surdos no mundo todo. L'Épée foi substituído, após a sua morte, pelo abade Roch-Ambroise Cucurron Sicard, que já havia fundado, anos antes, a escola de surdos de Bordéus. O desejo expresso de L'Épée era que a direção do Instituto fosse assumida por seu aluno mais próximo, Jean Massé, entretanto, o abade Sicard ganhou o concurso realizado entre os interessados pelo cargo e acabou ficando à frente do instituto até 1822, quando faleceu.

Sicard era uma figura controversa, proclamava-se monarquista e, por isso, foi conduzido em 1793 ao tribunal revolucionário e só conseguiu escapar da guilhotina com os relatos de seus alunos sobre suas ações de beneficência com a educação de surdos (BUTON, 1999). Além disso, teria sido o grande responsável pela descontinuidade do método do abade de L'Épée, que seria retomado somente na gestão de Périer, passando por novos períodos de descontinuidades nas gestões seguintes. Assim, no período que compreende a saída de Sicard (1822) e o início da administração de Léopold Ernest Javel (1885), isto é, em pouco mais de 60 anos, o instituto teve nove diretores, que refletiam, sobretudo, a instabilidade política do país ao longo do século.

No período que compreende a fundação do instituto e a saída do abade Borel (1771-1831), vislumbrando uma tendência ligada à ideia de que a educação de surdos deveria ser confiada aos religiosos perpetuada por meio da lógica de caridade intrínseca ao processo de criação da escola, todos os diretores da instituição foram abades. Ora, não estamos dizendo com isto que o caráter beneficente atribuído ao instituto em sua criação tenha sido um determinante ao longo de toda a sua trajetória, mas sim ressaltando que a concepção da educação de surdos como caridade permaneceu ainda em boa parte do século XIX, evidenciada aqui na escolha dos diretores.

Com a restauração e a Monarquia de Julho (1830-1848), a alta burguesia francesa ganha proeminência em detrimento da antiga ideia do direito divino dos monarcas, fazendo com que a Igreja implicasse em um processo contínuo de perda de poder naquela sociedade. Isso significaria, para o Instituto, um período que percorreria todo o restante do século XIX em que os instituidores passariam a ser homens da administração, fossem antigos diretores de liceus, prefeitos ou funcionários gerais do Ministério do Interior. Assim, as antigas referências de pioneirismo a L'Épée e seu método gestual começam a perder espaço na primeira administração não-religiosa: Désiré Ordinaire, que havia sido professor de história natural da Faculdade de Ciências de Besançon, tenta, como uma de suas primeiras medidas, generalizar o método oral no Instituto, que ele havia observado nas escolas suíças.

A tensão entre os métodos orais e os métodos gestuais vai perpassar toda a história da instituição. Para o século XIX, o desfecho dessa disputa está expresso na decisão do Congresso de Milão em 1880, em que se define a interdição da língua de sinais como modo de ensino e de comunicação nas instituições escolares (PRESNEAU, 2009, p. 221). Assim, o instituto passaria por uma descaracterização da ideia inicial do abade de L'Épée: de instruir os surdos a partir dos sinais metódicos, de modo simultâneo. O Instituto Nacional dos Surdos-Mudos se tornou, nas últimas décadas do XIX, mais uma escola oralista, renegando a trajetória que outrora lhe dera vida.

O Instituto Nacional de Meninos Cegos de Paris (1760 a 1890)

O Instituto Nacional dos Meninos Cegos de Paris tem sua origem com os trabalhos de Valentin Haüy, em um processo bastante similar ao realizado por L'Épée. O mito fundador de que Haüy teria encontrado próximo à Igreja Saint-Germain-des-Près um jovem cego e, sensibilizado, começou a estudar possibilidades para instruí-lo remonta diretamente à história de L'Épée com as gêmeas surdas. Há ainda outras versões, como o dia em que ele teria visto uma festa com cerca de dez cegos na feira de Saint-Ovide, em que os cegos emitem sons incoerentes dos instrumentos que tocavam. Emocionado e indignado com o espetáculo, ele teria decidido ali que

precisava ajudar os cegos a desenvolver o toque e afinar o ouvido, valorizando seus outros sentidos para sair da condição de ignorância em que eles se encontravam (GUILBEAU, 1907).

Contudo, as cartas de Valentin Haüy estudadas por François Buton e Pierre Henri nos revelam o aspecto central para a compreensão de seu interesse pelos cegos: Haüy era um frequentador recorrente dos exercícios públicos dos surdos-mudos realizados por L'Épée e não escondia o seu interesse pelo trabalho do abade. Inferimos, com efeito, que o interesse de Haüy pela educação dos cegos teria advindo, sobretudo, da constatação da notabilidade adquirida por L'Épée com seu método.

Vale ressaltar aqui que estas duas instituições se constituíram de iniciativas particulares, em que o instituidor nasceria como uma figura fundamental para a compreensão do seu processo de criação. O interesse em tornarem-se instituidores vinha, sobretudo, de almejar pertencer a nebulosa rede de sociabilidade que se configurava entre os filantropos e que, baseada no discurso de “amor à humanidade”, ligava boa parcela dos homens notáveis da sociedade parisiense em relações políticas e religiosas repletas de especificidades (DUPRAT, 1995). Nesse sentido, entendemos que, tanto Charles Michel de L'Épée quanto Valentin Haüy tiveram suas motivações conectadas a essa lógica de notabilidade dos filantropos e, com efeito, no caso de Haüy, esse interesse fica evidente em seus relatos de admiração sobre o trabalho de abbé de L'Épée (HENRI, 1984).

Ao contrário de L'Épée, Valentin Haüy vinha de uma família pobre. Nascido em 1745 em Saint-Just-en-Chaussée, na Picardia, ele vai a Paris realizar seus estudos clássicos, obtendo um desempenho de bastante destaque no estudo das línguas, dominando cerca de 12 línguas. A sua vida esteve muito ligada à de seu irmão mais velho, René-Just Haüy. René era um abade que adquiriu bastante notabilidade social, não por seus trabalhos eclesiásticos, mas pelos estudos que ele desenvolveu na mineralogia sobre a geometria dos cristais, sendo considerado um dos fundadores da cristalografia. Assim, entendemos que a partir da admiração de Valentin pelos estudos de seu irmão e, especialmente, pelo status social que ele estava alcançando, suas pretensões estavam ligadas a um desejo de inserção social entre os notáveis homens das luzes da sociedade parisiense. (HENRI, 1984).

Valentin se aproveita do lugar social de seu irmão para que seu projeto seja colocado em prática. René era membro da Academia de Ciências e começaria a se aproximar da Sociedade Filantrópica almejando fundos para o projeto de seu irmão. Primeiramente, Valentin apresenta seu sistema de letras em relevo e seus primeiros alunos para a própria Academia de Ciências e, com o apoio de René, conquista uma pensão real para abrir uma escola com mais de 50 alunos. Ele teria, a partir disso, reconhecimento por seu trabalho quando, no ano seguinte, decide apresentar seus alunos ao rei no palácio de Versalhes, em uma tentativa similar a dos exercícios públicos de L'Épée (GUILBEAU, 1907).

Se o seu interesse era de inicialmente ensinar aos cegos a leitura, por meio de seu método de letras em relevo, ele também se preocupava em ensinar ocupações a eles, almejando uma possível emancipação por meio de trabalhos como o tricô, cordoaria, produção de cintos e redes, entre outras atividades manuais (GUILBEAU, 1907). Haüy escreveu e publicou uma obra intitulada *Essai sur l'Éducation des Aveugles*, com intuito de apresentá-la à corte e ter seu instituto elevado à categoria de Nacional. Entretanto, como a França estava às vésperas da revolução, seu plano não se concretiza. Assim, anos depois, ele acaba negociando com a Assembleia Constituinte um espaço no Convento dos Celestinos, onde já estava instalada a Instituição Nacional dos Surdos-Mudos.

O período em que surdos e cegos estiveram juntos no espaço do antigo Convento dos Celestinos é estimado entre dois a três anos. Todavia, foi um tempo de grandes conflitos e intensas disputas entre Haüy e Sicard visto que os dois dirigentes tinham posições políticas divergentes no seio das perturbações revolucionárias (BUTON, 1999, p. 99). Em 03 de abril de 1794, os surdos partem para se instalarem no edifício à Rua Saint-Jacques e, após alguns meses, os cegos também são transferidos, desta vez para o hospício “Catherinettes” (BUTON, 1999, p. 268-281).

Entre os anos de 1795 e 1815, o instituto passa por uma grande reformulação de sua ideia nacional: a Convenção determina que a ele aceitaria, a partir deste momento, somente cegos que estivessem aptos a trabalhar, assumindo o caráter de um ateliê (GUILBEAU, 1907). Entretanto,

Haüy segue na direção da Instituição, o que permite que ela não sofra uma alteração substancial nas práticas de ensino: mesmo enfocando nos trabalhos manuais, o Instituto continua ensinando os cegos a leitura e as aulas de música, por exemplo (DIDIER-WEYGAND, 2003, p. 270). Alguns anos depois, o Instituto perderia o seu caráter inicial: Haüy é retirado da direção e seus alunos seriam reunidos no hospício dos *Quize-Vingts* por uma determinação do Ministério do Interior.

Assim, ele teria perdido a sua função escolar, entrando em um período de declínio, retomando sua concepção inicial somente anos depois, com a intervenção direta de Napoleão. Na restauração das monarquias, Haüy restabelece relações com a coroa, conseguindo recuperar sua escola, fazendo com que o Instituto assumisse o tão esperado título de “Nacional” (DIDIER-WEYGAND, 2003, p. 281).

Com a volta dos Bourbons, ainda que a autonomia dos cegos tenha sido recuperada, a escola passaria ainda por momentos de instabilidade. A direção foi assumida pelo antigo médico do Instituto, Sébastien Guillé, que se limitava a prestar contas de sua administração ao Ministério do Interior e a aplicar suas ideias médicas na educação dos cegos. Ele passou cinco anos à frente da instituição, sendo retirado pelo ministério após denúncias de negligência (HENRI, 1984, p. 159). Em 1821, o doutor Alexandre-Réné Pignier o sucedeu. Observamos aqui uma tendência diferente à assumida na escola de surdos. Enquanto a concepção de instituição escolar foi mantida durante toda a trajetória do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, apesar de algumas descontinuidades, os cegos passaram um longo período destinado à prática do trabalho.

Contudo, Pignier decide receber Haüy com o objetivo de recuperar o projeto educativo do instituto, o que ele tenta fazer ao longo de sua gestão. Assim, ele se esforça para que os métodos para educar os cegos, sobretudo aqueles ligados à leitura e escrita, retomassem seu espaço dentro da instituição (DIDIER-WEYGAND, 2003, p. 283). Concomitante a isto, os sistemas alternativos de escrita para os cegos começavam a ser desenvolvidos no país. Naquele momento, o destaque estava para o método de Barbier, em que existiam combinações de sinais simples representando as letras e os sons segundo um quadro pré definido que o aluno deveria decorar.

Um dentre eles é um método de escrita de pontos” (DIDIER-WEYGAND, 2003, p. 539-540), que remetia aos sons e às letras somente por meio da combinação de pontos. Assim, ainda no ano de 1821, Barbier aceita introduzir o seu método no Instituto, recuperando os métodos de aprendizagem que tinham relevância no tempo de Haüy.

Neste momento em que o método de Barbier começava a ser ministrado aos alunos, Louis Braille, um deles, tinha a idade de 12 anos. Ele realizou uma profunda pesquisa sobre o método de Barbier (HENRI, 1952, p. 36-37) e, aos 20 anos de idade, ele publica seu alfabeto em pontos de relevo, suprimindo definitivamente o método de Barbier e ganhando projeção internacional, sendo a forma mais aceita de instruir os cegos à leitura e a escrita até os dias de hoje.

Em 1840, Joseph Guadet assumiu a direção do Instituto, na qual ele passaria os trinta anos subsequentes. Historiador, ele publica uma das obras mais conhecidas e reproduzidas no mundo sobre a história da Instituição, intitulada *Institut des jeunes aveugles de Paris, son histoire*, e o conhecido jornal *L'instituteur des aveugles*, que teria circulado pelas escolas de cegos de todo o mundo. Guadet se utilizava do jornal para estabelecer relações com os institutos de cegos por todo o mundo, visando promover a educação dos cegos em diversos países a partir do exemplo parisiense (GUADET, 1849). Nesta época, o Instituto conheceria um verdadeiro “progresso” na educação dos cegos com o desenvolvimento do alfabeto Braille e a projeção dada por Guadet aos debates sobre sua instrução, notadamente nos jornais que ele publicava. Assim, mesmo com todas as instabilidades e os períodos de declínio, o Instituto Nacional dos Meninos Cegos de Paris se tornaria uma referência mundial, bem como o Instituto de Surdos-Mudos de Paris.

Nesse sentido, consideramos fundamental entender as motivações de seus instituidores na fundação das escolas e observar como a “política dos favores” se mantém ao longo de todo o século XIX. Assim sendo, explicitamos a produção historiográfica francesa, que, até o presente momento, identifica o interesse do abade de L'Épée e de Valentin Haüy na notabilidade social: estes grandes filantropos da sociedade parisiense buscavam se tornar instituidores com intuito de pertencer às “redes de sociabilidade da nebulosa filantropia” e “por amor a humanidade”, ligando-se para além de suas clivagens religiosas ou políticas (DUPRAT, 1995). Assim, eles tornaram-se os primeiros instituidores para surdos e cegos no mundo a publicizar seus métodos e

abrirem escolas que fossem acessíveis não somente para os pertencentes às elites daquela sociedade.

Evidentemente, essas ligações entre Paris e Rio de Janeiro teriam perpassado, mais do que as relações oficiais e burocráticas do Ministério, o nível de interesse dos instituidores que estiveram à frente dos estabelecimentos. Desse modo, se por um lado os interesses e a organização geral de funcionamento destes institutos nos parecem bastante similares nos anos que se seguem à suas fundações, inferimos que estas relações tenham se perdido com o passar das décadas, uma vez que apropriada culturalmente a concepção geral da instituição, as escolas brasileiras passariam a atuar em uma dinâmica específica ligada aos interesses do projeto nacional que estava se constituindo. Contudo, indubitavelmente as instituições permanecem ligadas por muito tempo no que diz respeito à apropriação dos métodos de instrução para surdos e cegos desenvolvidos, sobretudo, na Europa, e pela lógica de beneficência que se perpetuaram nos institutos brasileiros até o final do século XIX.

REFERÊNCIAS

<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/33087/html#:~:text=O%20Instituto%20Nacional%20de%20Surdos%20Mudos%20de%20Paris%20tem%20seu.segunda%20metade%20do%20s%C3%A9culo%20XVIII.>

https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_de_sinais_francesa

<https://mundoeducacao.uol.com.br/educacao/lingua-brasileira-de-sinais-libras.htm#:~:text=Um%20dos%20nomes%20mais%20significativos,Instituto%20de%20Surdos%20de%20Paris.>